ANNO 5.º — Sexta-feira, 11 de Outubro de 1912 — NUMERO 242

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
(*)
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . . 40 réis
Comunicados . . . . 20 réis
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

A Ressurreição

Ainda se ouvem os écos das festas da nação no segundo aniversario do seu novo regimen; ainda se sentem os efeitos dêssa grande apotéose ás novas instituições.

Os que chegam da capital, onde as festas fôram dum esplendor puramente popular, animam a conversação nos grupos que os cércam, anciosos de ouvir aquêles que tiveram a sorte de partilhar da gloriosa consagração.

A alegria é geral em todo o país, não havendo logar, por mais pequeno e humilde que seja, que não festejasse a data emancipadôra.

E' a ressurreição dum povo que se liberta da escravidão de tantos anos.

E' a realidade da promessa dos profétas, da aspiração de tantas almas, que, anciosas, esperavam a redenção.

Hoje, com ha dois anos — é preciso não esquecer — fôram os pequenos, os humildes, que déram a melhor parcéla dos seus esforços; fôram êles que acudiram, sem condições, ao chamamento da Patria; fôram os inominados, que não duvidaram arriscar a vida sem olhar a recompensas, que déram uma lição aos homens de Estado, pondo o bem da Patria acima de todos os interesses, mesmo politicos.

Deante dêste quadro bem patente a todos, confundi-vos adversarios irrequietos e impenitentes! Fazei penitencia dos vossos erros, não perturbeis a paz dum povo, que a Republica, bôa e generosa como é, vos dará perdão.

Mas não espalhêmos só flôres; espalhêmos a bôa semente que dê os benéficos frutos de justiça, paz e amor e façâmos de modo que na grande seára todos possam colher a parte a que teem direito. Para isto, menos retaliações politicas, menos discussões de *lana caprina*, porque o povo quer e deseja uma Republica de realidade, de *res et non verba*, uma Republica modelar que confunda os seus inimigos e faça inveja aos seus detratores.

Porque falâmos assim?

E' que as novas instituições ainda não chegaram, de facto, a muitos pontos do país, onde mais parece imperar a monarquia com os seus velhos mandões, vexando e oprimindo, do que o novo regimen com os seus principios salutares de justiça.

E é isso para admirar? Não, desde que se saiba que na Junta de Credito Público, no tempo da monarquia, os empregados, sem andar a roda, como é de lei, sorteavam os numeros para a recéção dos juros conforme a empenhoca e que ainda hoje, a dois anos da implantação do novo sistêma governativo ainda o mesmo se fáz, embora por outros procéssos!

Tem que acabar o favoritismo aos apaniguados; tem de mover-se toda a engrenagem conforme o andamento da grande roda do Capitolio e por modo que todos possâmos dizer e gritar, como o fez um funcionário, cortando o silencio da repartição, que a dentro da Republica conseguiu o que nos tempos da crapula lhe tinha sido negado, apesar de ser de lei — *Viva a Republica!*

Façâmos tambem o esforço indispensavel para que, em todas as circumstancias, qualquer cidadão possa repetir esse brado do coração, esse brado que sintetisa uma das maiores conquistas do povo português.

* * *

NA PENITENCIARIA

Uma carta do digno director dêste estabelecimento penal de Lisboa

Por toda a parte a talassaría tem feito espalhar que o nosso ilustre amigo dr. Rodrigo José Rodrigues, atualmente dirigindo a Penitenciária de Lisboa, não só não tem cumprido com o regulamento quanto ao modo como é tratado o famoso conspirador D. João de Almeida, como ainda pretende insinuar o cometimento de injustiças por parte do dr. Rodrigo Rodrigues e que aquêle impoluto caracter, que é tambem um austéro republicano, se apressou a desmentir numa carta enviada ao nosso colêga da *Montanha*, Bartolomeu Severino, carta que só comprova nem mais nem menos do que a correcção habitual que sempre lhe reconhecemos.

Diz s. ex.ª:

«*Não ha nem houve com os presos politicos, ou outros sujeitos ao regimen penitanciario, qualquer diferença ou excéção. O preso 279 recebeu e recebe, de quando em quando, a visita do Ministro da Austria. Tal como qualquer preso recebe outras visitas. Mas não o recebe no locutorio. Evidentemente, pela consideração a um representante de um país estrangeiro e não ao preso que recebe todas as outras visitas á grade, consideração essa que todas as razões aconselham, além de que é dispensada a qualquer advogado que, no uso da sua profissão, procura um preso.*

Que o 279 se aplica a trabalhos literarias para exercer oficio; que tem missa na céla; que recebe a comida de fóra e não sei que mais...

Vamos por partes.

A aplicação dos presos a trabalhos literarios é uma permissão (art. 201 § 1.º e 3.º do reg.) que se não póde recusar a quem tem um curso secundario. Num regimen em que o cumprimento da lei seja a garantia da justiça, só o parlamento póde alterar a execução de tal disposição. Assim na Republica. Não se aproveitou dessa regalia U. de Freitas. E' inexato. Quem déla se serve tem de indemnisar o Estado do que deixa de produzir; ora, Urbino, quando entendeu, ou melhor, quando perdeu o amor ao dinheiro, requereu o foi deferido.

O preso 279 esteve a aprender a encadernador uns 15 dias. Soube da lei; requereu, citando-a. Informei como devia e o ministro despachou como não podia deixar de o fazer.

E, todavia, não faltavam ao preso razões, com base no exame medico, para não precisar de tudo isto...

Que tem missa na cela. E' possivel; creio mesmo que sim.

O regulamento permite o recebimento dos sacerdotes de qualquer religião junto dos presos. Consultada sobre o culto catolico na Penitenciaria a respectiva comissão da separação confirmou aquela regalia, tão de acordo com o espirito de tolerancia da Republica.

O preso pediu o cumprimento da lei; faz-se justiça e honram-se os principios, deferindo. O padre e o preso, na meia hora que teem para a visita dizem missa na cela, sobre a mesa de usos domesticos? Com que direito proibil-o?

Que o preso 279 recebe a comida de fóra. Recebe, embora não diariamente, como todo e qualquer outro preso bem comportado, que peça esse lenitivo. *E' regulamentar, tambem, e de uso correntissimo.*

Excéção seria não lho conceder.

Onde estão, então, as diferenças odiosas, grandes ou pequenas que sejam?

Mas, admitindo que as houvesse, porque não haviam de vir aqui verificar os factos?

Como se compreenderia que, não sendo o ex.mo Ministro da Justiça cego ou surdo não houvesse já procedido contra o abuso?

Pois não é isto claro, intuitivo? Ou estaremos já no tempo em que os abusos se cometiam sem haver força para os corrigir?

Como é triste que, por uma cega e dementada politiquice, *nos comecemos por enlamear todos — homens e principios!*

Crê-me, com sincera estima, teu velho amigo e condiscipulo obrigado,

Rodrigo Rodrigues

NO PELOURINHO

De como se prova que as burlas do medico miliciano Pereira da Cruz não são de hoje, mas de ha muitos anos

Documento n.º 2

José Nunes Coelho, viuvo, proprietario, morador no Bomsuccesso, freguezia de Arada dêste concelho de Aveiro, de sua livre e expontanea vontade, sem constrangimento de pessoa alguma e perante as testemunhas abaixo designadas, declara que, tendo um filho de nome José Nunes Coelho, que entrou na inspecção para o serviço militar no ano de mil novecentos e quatro, se dirigiu por essa ocasião e o conselho dum amigo ao medico Manuel Pereira da Cruz para o efeito de o livrar de entrar nas fileiras do exercito visto ser considerado como um bom empenho perante a junta desse tempo. Uma vez apresentado ao referido medico contratou com êle efectivamente o livramento do rapaz **mediante a quantia de cincoenta mil reis** que, dias depois, **depositou nas suas mãos.** O rapaz, porém, tendo ido á inspecção não ficou livre, como o declarante esperáva, mas sim apurado para cavalaria valendo-lhe o não ter ido para militar o numero alto que a seguir tirou, segundo lhe parece o vinte oito. Nésta conformidade dirigiu-se a casa do medico Manuel Pereira da Cruz a participar-lhe o sucedido dizendo-lhe aquêle que já sabia, mas que havia de averiguar como aquilo tinha sido tocádo; e puchando dos cincoenta mil reis entregou-os de novo ao declarante que lhe perguntou quanto lhe tinha a dar pelo atestado que êle, Pereira da Cruz, havia passado ao dito seu filho para este entregar á Junta. O sr. Manuel Pereira da Cruz respondeu-lhe que custáva **tres mil reis** mas êle, declarante, achava-se tão satisfeito por o seu filho ter livrado pelo numero que lhe deu mais cinco tostões entregando-lhe por isso pelo referido atestado **tres mil e quinhentos reis.** E por ser verdade de tudo quanto exposto fica, vai o presente, depois de ser lido em voz alta perante mim e ditas testemunhas, ser assinado por estas e o declarante.

Aveiro, trinta de agosto de mil novecentos e doze.

(a) *José Nunes Coelho*

Testemunhas:

Antonio Tavares Lebre
Alberto João Rosa
José Migueis Picado Junior
Amandio Ribeiro da Rocha
Francisco Matos Junior.

(Segue-se o reconhecimento e outras formalidades da lei, pelo notario dr. André dos Reis.)

PATRIA!

O presidente Arriaga, num almoço de confraternisação para comemorar a data da proclação da Republica, invoca o sagrado nome da Patria para que, num esfôrço comum, todos os republicanos se unam e trabalhem pelo seu engrandecimento

Meus Senhores:—Ainda sob as impressões das grandiosas festas democraticas do dia de ontem, que deixaram na minha alma, já cançada e triste, mais algum alento na minha fé inquebrantavel no triunfo definitivo da Republica, escolhi por tema da minha saudação esta palavra augusta — *Patria.*

Entre os agregados humanos, a Patria foi sempre a aspiração suprema de um povo ou de uma raça, para, dentro dos complicadissimos orgãos da sua vida colétiva, das suas leis, dos seus usos e costumes, trazer ao serviço da humanidade, consciente ou inconscientemente, o tributo indispensavel das suas qualidades etnicas, dos seus esforços incessantes em prol do progresso, das suas virtudes e tambem dos seus crimes, pois tudo se arquiva, inexoravelmente, no tribunal impassivel da Historia.

A Patria Luzitana, pelas qualidades inerentes á sua raça, pelas virtudes, nunca desmentidas, dos seus filhos, pelo esforço quasi sobreumano dos seus heroes, extinguindo para todo o sempre as lendas pavorosas do mar tenebroso e restituindo-o, cheio de riquezas, de energias e de esplendor, á civilisação mundial, acabou por levar o seu nome glorioso a toda a redondêsa da Terra e conquistou para si um logar á parte logar de honra, entre as primeiras e as mais gloriosas nações do mundo!

Se Deus interviesse directamente nos destinos dos povos, poderiamos dizer, com ufanía, que Portugal era, como se disse do povo hebraico, *um povo eleito* e que a causa de Deus tinha sido confiada ás suas mãos invenciveis!...

E' esta grande Patria, que eu aqui celebro como primeiro magistrado da Nação, primeiro na ordem hierarquica, em nome do povo magnanimo, que em 5 de outubro, faz agora dois anos, realisou a mais bela revolução politica da Historia; celebro-a nêste modesto banquete, para o qual tive a honra de convidar todos os que deram e hão de continuar a dar o precioso contingente das suas aptidões, qualidades e virtudes, na obra tão sagrada como espinhosa do resurgimento da Nação, traída pelo regimen deposto, de abominavel memoria, na obra da consolidação da Republica, que surgiu ainda a tempo para a redimir.

O regimen expulso, cujos representantes, ao fulgentissimo clarão da alvorada de 5 de outubro, fugiram precipitadamente para o estrangeiro, abandonando a Patria, tudo e todos, como o criminoso abandona o local, os instrumentos do crime ao vêr-se surpreendido por aquêles que hão de depôr perante a justiça, no dia do seu julgamento, legou-nos uma herança terrivel cujas responsabilidades quanto mais se estudam nas suas inevitaveis consequencias tanto mais inquietam o nosso espirito para alcançar-se a libertação definitiva, que todos desejam.

Prendeu-nos ao estrangeiro com uma divida monstruosamente colossal e de todo o ponto injustificada perante o desmantelamento em que deixou os nossos portos, o nosso exercito, a nossa armada e todas as nossas vias de comunicação, e temos que remover do caminho que encetámos todos esses obstaculos, quasi infinitos em numero e qualidade, para realisarmos, tanto quanto possivel, os sonhos ridentes da Patria, que o povo concebeu ao ouvir a palavra inspirada dos seus dirigentes espirituaes, hoje chamados ás responsabilidades do poder.

A Nação Portuguêsa anceia por normalisar os seus compromisos com o estrangeiro, dando-lhe em nome do Estado, como uma principal garantia dos seus debitos, aquela escrupulosa pontualidade com que, á custa de todos os sacrificios, os nossos comerciantes e industriaes liquidam, inalteravelmente, os seus contratos lá fóra.

Podem divergir as opiniões sobre os meios e os processos a empregar para atingirmos este *desideratum* supremo, e bom é que assim seja; mas o que não haverá em cada um de vós é a minima parcéla de divergencia sobre a altiva integridade moral e escrupulosa solicitude com que havemos de honrar os compromissos que pésam sobre a Patria.

O regimen transato deixou-nos in

culta uma faixa enorme de terreno abençoado da Patria, sobre o qual o mais belo sol do mundo derrama, ha seculos, em vão, as energias infinitas da sua luz fecundante e triunfadora!...

Aproveitada éla, poderiamos ter, de casa, o trigo que, com sacrificio, compramos no estrangeiro a peso de ouro, que não possuimos!...

A Republica ha de, decérto, resgatar esta falta enorme, devida á incuria dos particulares e do Estado; sobre isto não haverá tambem divergencia entre os republicanos.

Ha ainda outro terreno inculto, e este muito maior em extensão e infinitamente superior em qualidade, e que a Republica tem de rotear sem perda de tempo e á custa dos maiores sacrificios; refiro-me aos milhões de analfabetos com que a monarquia manteve os seus abominaveis privilegios de classes e de castas!...

São milhões de creaturas humanas, completamente desvalorisadas, uma perda infinita de riquezas sociaes, e sobre essas creaturas perdidas para a civilisação, o sol, que preside ao destino dos povos, *a Justiça*, derramaria recursos incalculaveis, se a acção social, que compete aos que governam, os integrasse na atual civilisação e fizésse dêles consciencias participes da soberania que em nome dêles exerço.

Esta é, aos meus olhos, a divida sagrada por excelencia que todos contrairam para com a democracia pura e para com o povo, que, forçando, em 5 de outubro, as portas da Historia, fez com que a Patria portuguêsa entrasse, triunfante, no convivio glorioso das nações mais cultas do mundo! Sobre estes tópicos, que rapidamente esbocei, creio que estamos todos plenamente de acôrdo, apezar de discrepancias, mais aparentes que reaes, com que se tem feito demasiado alarme...

Meus senhores: Nêstes dias festivos em que o povo revolucionario, ingenuo e bom, vagueia em romaria patriotica por praças, avenidas e ruas da capital, saudando com delirio a Republica e a Patria, não esquecerei os encarcerados politicos que a esta hora espiam os crimes nefandos que cometeram!... Sinto uma magoa profunda por não podermos, nêste momento, abrir-lhes as portas dos carceres e dizer-lhes: Ide-vos em nome da Republica, gosar da liberdade, contra a qual conspirastes; ide pedir ás almas ingénuas e bôas déssas multidões inumeras e anonimas a pouca ou nenhuma fé que tendes na Liberdade, no Direito e na Justiça, e oxalá que, contritos, vos arrependaes dos crimes que cometestes!...

Quando sob o imperio duma sã consciencia, esses desventurados reconhecerem que nenhuma ofensa lhes fez a Republica em os declarar soberanos e tornal-os solidarios na grandêsa da Patria; em chamal-os á discussão e feitura das leis a que todos devemos escrupulosa obediencia; quando com provas evidentes fôrem obrigados a reconhecer que nunca o erário publico esteve mais zelosamente fiscalisado e defendido do que no atual regimen, em que todos partilham da soberania e olham pelos interesses da colectividade, os sincéros e honestos, e eu sei que os ha, se hesitarem em abraçar as novas instituições hão-de acabar por acolher-se á sua sombra, já não direi com o fim de as defender, mas para, no goso pleno da Liberdade absoluta de consciencia, que a Constituição garante, continuarem a prestar adoração e culto ao Passado, embora roconheçam, com tristeza infinita, ser um mundo condenado pelo destino eterno, um sol que foi fulgente e que se apagou para sempre!...

Será então a hora da Republica usar para com êles da clemencia que nêste momento nos é vedada.

Meus senhores: Vou terminar como comecei, invocando o nome da Patria, por ser a conciliadora por excelencia das energias individuaes com os interesses colectivos de que depende o triunfo da Verdade e o imperio da Justiça.

Faça-o erguendo votos para que, em nome da Patria, os govêrnos saidos da concentração e quaesquer outros que venham depois, continuem a bem servil-a e á Republica, pondo de parte, como tendes feito até agora, honra vos seja, as divergencias e as paixões partidarias dos grupos politicos a que pertenceis.

Associando nésta modesta homenagem de respeitosa estima todos os que consagram os seus talentos e virtudes ao serviço do seu país, eu brindo pela Liberdade, pela Republica e pela Patria.

SANTOS POUSADA

No Porto e logo após a terminação do seu dircurso, no Centro Evolucionista, caíu fulminado por uma sincope cardiaca, que lhe produziu a morte quasi instantanea, este velho republicano a quem a Republica déve assinalados serviços muitos dêles prestados dentro da simpática e utilissima instituição de que foi fundador—*O Vintem das Escolas*.

O senador Santos Pousada era um propagandista muito conhecido no norte do país, sendo por isso o seu desaparecimento da vida geralmente sentido.

Curvamo-nos deante do seu cadaver.

Estudante distinto

No liceu Rodrigues de Freitas, do Porto, concluiu agora o quarto ano do curso geral, obtendo uma alta classificação, o aplicado estudante Jaime da Encarnação Rebelo, dilecto filho do nosso velho amigo, sr. Eugenio Ferreira da Encarnação, que por muitos anos residiu em Vagos, como farmaceutico.

Aos paes do estudioso aluno da conceituada casa de instrução portuense, bem como a este os nossos parabens pelo exito alcançado no presente ano lectivo.

FAR-SE-HA JUSTIÇA?

O auto de corpo de delito levantado em virtude da campanha do "Democrata,, contra o tenente medico miliciano Pereira da Cruz, é dado por concluido e transita para a 5.ª Divisão Militar

A opinião pública, vivamente interessada, aguarda, com grande anciedade, o desfecho da questão de moralidade que nos ultimos tempos mais a tem apaixonado

Compromisso soléne:—com o nosso conhecimento e consentimento não se repetirão, dentro da Republica, os actos de corrução moral que fôram o apanagio... da Falperra de manto e corôa!

A' hora que escrevemos deve estar na posse da 5.ª Divisão Militar, com séde em Coimbra, o auto de corpo de delito levantado por ordem do sr. ministro da guerra contra o medico miliciano Manuel Pereira da Cruz, acusado de, por quantias convencionaes, isentar mancebos do serviço militar quando sujeitos á junta medica inspeccionadora.

Da conclusão final do auto, resultou a prova cabal e completa da denuncia apresentada pela junta medico-militar que, no concelho de Ilhavo, procedeu ás ultimas inspecções, denuncia que por nossa vez trouxemos para as colunas dêste jornal onde a temos discutido e escalpelado, exibindo em toda a sua nudez, énvolto no nenhum escrupulo da consciencia, o indigitado autor do repugnante crime.

Durante as investigações a que se procedeu, o acusado escudou-se sempre na mais absoluta negativa chegando até a afectar desconhecer os signatarios das declarações exuberantemente demonstrativas dos contratos feitos para a isenção de determinados individuos.

De nada, porém, lhe serviu o estratagema, a não ser o proporcionar ocasião para que nas acariações, a que foi submetido, mais duma vez passasse pelo deprimente vexame de demonstrar que mentia, esmagado pela atitude serena e firme, assim como decidida afirmativa, daquêles que, com toda a verdade, faziam as suas declarações.

Que situação tão profundamente triste, mas consequencia logica, do procedimento do sr. Manuel Pereira da Cruz, que não teria descido, por certo, a tão vergonhosas contingencias se tivesse fugido sempre á prática de actos que nunca devia usar na vida!

O maximo da luz está feita nêste tenebroso quadro.

E dizemos assim, porque, para a prova de crime tão especial no seu cometimento, o corpo de delito evidencia-o sobejamente não só pelas declarações por escrito, completas e absolutas, daquêles que pessoalmente fizeram taes transacções com o acusado, a começar por tres dêlas que a junta medico-militar apresentou oportunamente, como ainda por outras que alguns burlados voluntáriamente vieram entregar-nos, além das varias referencias e alusões ao caso feitas por um numero consideravel de testemunhas.

Facilmente se compreende a dificilima taréfa resultante dum apuramento da verdade e prova testemunhal bastante num caso dêstes, quando de mais a mais eram presos varios individuos que, como agentes do ignobil tráfico, fôram indicados ás autoridades.

Poderiam, sem duvida, ser indicados centenas de casos; desde, porém, que foram presos e respétivamente processados os intermediarios nas reles negociatas, o silencio das pessoas que as conheciam foi completo, como natural receio de que implicadas em referencias á questão, passassem tambem pelas forcas caudinas em que esperneava o *Melro* e outros *melros!*

Felizmente, a prova indiscutivel e insofismavel ficou feita, demonstrando-se que ha muitos anos semelhante infamia se pratica á sombra da qual muitos contos de reis têm sido embolsados e extorquidos ao pobre filho do povo, ignorante e bom, explorado por isso na sua bôa fé, por conscienciosos culpados em tamanho delito!

E' de longe, é de muito longe, que, animadas e protegidas pela mais escandalosa impunidade, as burlas se vinham sucedendo, sendo necessário que a junta militar de Ilhavo as viesse denunciar, em agosto ultimo!

E assim não colhe o pretexto procurado para se dizer que o processo não póde ser julgado pelo codigo militar!

Não só póde mas deve tal crime ser punido e julgado em processo militar, porque se o seu autor antes de ser medico miliciano o já vinha cometendo, como se demonstra no documento que noutro logar publicâmos, este ano o praticou, sem duvida, como o provam as declarações feitas á junta militar, no momento em que o sr. dr. Pereira da Cruz se pavoneava na Gafanha e por essas ruas, devidamente uniformisado, sobraçando, com gestos ridiculos e ares de balofa vaidade, a espada, que nunca deveria cingir!

Não desconhecemos quanto determinadas individualidades, na sombra, protégem o autor da indigna façanha, procurando em todos os pontos por onde o processo terá de passar a respectiva preparação favoravel ao *desideratum*, de fórma a que não pése sobre o culpado a crua e dura responsabilidade do seu feito.

Estâmos convencidos que, examinado com consciencia o processo, ninguem ousará proclamar inocencia onde ha culpa evidente e demonstrada!

Mas se tal facto se désse, apesar não só da nossa incredulidade como até do país que conhece de tamanha infamia, nós levaremos ao parlamento noticia do crime e afronta á purêsa do regimen, pedindo então, não só a pena para o criminoso, como ainda para aquêle que maior crime cometesse procurando atenuar as responsabilidades do verdadeiro culpado!

Redobrariâmos a intensa energia mantida na luta que vimos sustentando contra a prática de tão grande infamia, que o regimen não póde tolerar, não póde admitir, sem perda da moralidade que deve manter como o seu mais poderoso esteio.

Soltariamos os mais vibrantes brados de protesto e viríamos para a praça publica com todos aquêles que não pódem nem querem tolerar dentro do novo regimen a velha capa das mortas instituições, que cobriu então todos os ladrões e todas as ladroeiras!

E como unico recurso teriamos ainda os tribunais para onde iremos fazer a prova provada do sudario deprimente e sujo, que alguem tentasse encobrir!

Com o testemunho dos membros da junta inspécionadora de Ilhavo, do sr. governador civil, dos denunciantes explorados na ignobil traficancia, teremos prova de sobejo para apagar no espirito do mais escrupuloso juiz qualquer sombra de duvida que possa suscitar-se sobre a criminalidade do tristemente celebre autor de tão triste odisseia!

Mas... esperêmos serenamente, tranquilamente, para dizermos então da nossa justiça, ou vendo corroborado pelos tribunaes quanto aqui, sobre o assunto emitimos ou para, quando a justiça seja por qualquer influencia ou processo mistificada, levarmos o nosso protesto até onde a verdade dos factos triunfe, até onde as nossas acusações se provem!

Com o nosso conhecimento e consentimento não se repetirão dentro da Republica os actos de corrução moral que foram o apanágio... da Falperra de manto e corôa!

A Republica não póde consentir em tal, sob pena de cedo principiar a afundar-se no mesmo lamaçal que subverteu a monarquia!

Longe vá o agouro!

Republicanos: a postos que a justiça militar vai pronunciar-se sobre o escandaloso caso de burla de que é autor consciente o medico miliciano de Aveiro, Manuel Pereira da Cruz!

Aniversario da Republica

As festas comemorativas aqui realisadas no dia 5, ás quais faltou o numero mais impressionante e comovente, como seria a entrega da bandeira ao regimento de infanteria 24, foram bem resumidas, limitando-se ao engalanamento da Praça da Republica onde á noute tocou a banda de infanteria 24, e ainda ao percurso feito, pelas ruas da cidade, da banda dos Bombeiros Voluntarios que espontanea e patrioticamente veio dar uma nota de vibrante entusiasmo á comemoração daquele dia.

Logo desde manhã, foram, em muitos pontos da cidade, queimadas diversas girandolas de foguetes o que se repetia durante o dia repicando tambem os sinos das egrejas e os da Câmara Municipal.

Em Esgueira realisou-se um bodo aos pobres oferecido pela respectiva junta de paroquia tendo tomado egual resolução a da Vera-Cruz, dêsta cidade, que distribuiu tambem, a 100 pobres, no Largo do Rocio, um kilo de carne, meio de arroz e 100 reis em dinheiro.

Ao acto assistiram os asilados de ambos os sexos, que cantaram a *Portuguêsa* éstando presente grande numero de pessoas e queimando-se foguetes.

Todos os edificios públicos e das diversas associações locaes tiveram içados durante o dia a bandeira nacional iluminando a Câmara a fachada do seu edificio, assim como a repartição do correio, escola industrial, o liceu e outros.

DONATIVO

Do nosso patricio e amigo, sr. Bento Augusto de Carvalho, residente, ha anos, na cidade de S. Paulo, E. U. do Brazil, recebemos para a subscrição destinada á compra da bandeira a oferecer ao regimento de infanteria 24 pelo *Grupo de Defêsa da Republica* local, a quantia de 5$000 reis, que, junta aos 44$600 com que haviamos fechado já a lista dos subscritores, perfaz o total de 49$600 reis enviado expontaneamente ao *Democrata*.

Receba o sr. Bento de Carvalho os nossos agradecimentos.

Transcrições

Continuam a honrar-nos com sucessivas transcrições do *Democrata* muitos dos nossos colégas com quem permutâmos, destacando-se dentre êles *O Reporter*, de Ponta Delgada, que acompanha a transcrição dum dos artigos do nosso inteligente colaborador Humberto Beça — *O perigo... hespanhol*—com palavras que sumamente nos penhoram.

A todos agradecêmos.

Brévo noticia historica

Sob este titulo recebemos um folheto de 90 paginas, com varias gravuras, retratos e grupos de alunos e professores da antiga e acreditada escola comercial Raul Doria, estabelecida no Porto, assim como uma curiosa estatistica e noticia sobre o desenvolvimento e progresso da referida escola, que ano a ano vae adquirindo, sem duvida, o primeiro logar entre as suas congenéres, não só daquéla cidade como de todo o país.

Pela competencia do seu director e proprietario, o sr. Raul Doria, e ainda pelo valor do corpo docente, perfeitamente á altura do seu mister, tem aquéla casa de ensino conseguido uma preferencia tão completa e procura tão notavel que apezar da grandêsa do edificio onde atualmente funciona — num vasto palacête á rua de Gonçalo Cristovam, este foi já ampliado, tendo ainda sido adquirida outra casa para poder comportar o grande numero de alunos que a frequentam.

A sua melhor recomendação está na preferencia dada pelo comercio em geral aos alunos que apresentem o respectivo diploma obtido na referida escola!

Ao nosso bom amigo Humberto Beça, professor tambem do referido estabelecimento, a quem devemos a fineza da oferta, os nossos sincéros agradecimentos.

JUSTA RECOMPENSA

Um heroe de 12 anos a quem o govêrno vai premear pela maneira como se distinguiu durante a incursão realista

Transcrevemos da ultima *Ordem do Exercito:*

Tendo sido oficialmente comunicado pelo comando do sector de defêsa entre o Mente e o Cávado, na área da 6.ª divisão do exercito, que nos dias 6, 7 e 8 de julho proximo passado, o menor de 12 anos Luiz Pereira Pinto, filho da professora de instrução primaria de Vila Verde da Raia, prestou valioso auxilio á força da guarda fiscal durante os combates que se travaram junto daquéla povoação contra os conspiradores monarquicos, levando-lhe viveres, agua e munições de guerra ás posições de combate, estando sempre nos sitios mais arriscados e andando debaixo de fogo com grande decisão e sangue frio, reconheceu-se que tais factos voluntariamente praticados por uma criança constituem não só um alto documento de extremado valor do seu animo como de inexcedivel dedicação pela defêsa da causa republicana e portanto da defêsa da Patria, digno de singular recompensa que ateste quanto tal procedimento é devidamente apreciado pela Republica, a qual nunca esquece o justo galardão que deve a todos que por qualquer forma a servem distintamente, honrando a Patria e o nome português. O acto de intrepidez praticado pelo menor Luis Ferreira Pinto arriscando intemeratamente, com a maior abnegação, a sua vida num lance perigoso de campanha em que todos os receios, toda a timidez propria da sua tenra idade eram, quando se revelassem, inteiramente justificaveis, perfeitamente naturais, e que só se não manifestaram por ser da tempera de um verdadeiro heroi a alma denodada dessa crença, que aliás não podia deixar de ter consciencia do perigo que corria, andando por entre os nossos combatentes e percorrendo a zona batida pelo fogo dos rebeldes, esse acto é daquêles que, confirmando a bravura inata do povo português, merece ficar registado em letras de ouro nos anuais do heroismo patrio e a que convém dar a maior publicidade para alentador estimulo da actual e sobretudo das futuras gerações republicanas. Deseja, porém, o menor Luis Ferreira Pinto servir a Patria, a cuja gratidão já conquistou jus, seguindo a carreira das armas; e como se acha habilitado com o exame de instrução primaria, 2.º grau, nenhuma recompensa se afigura mais util nem mais nobre do que admitil-o á matricula no Colegio Militar, com dispensa da idade, no proximo ano lectivo. E como seus pais não dispõem de recursos que lhes permitam custear a educação naquêle estabelecimento, justo e devido é que ao referido menor sejam custeadas pelo Estado todas as despesas de educação. Nesse viveiro de auspiciosos servidores da Patria, que é e sempre tem sido o Colegio Militar, mais tarde na Escola de Guerra e de futuro nas fileiras do exercito, a presença do bravo Luiz Ferreira Pinto, juvenil mas intrepido guerreiro, antes, muito antes de poder ser militar, será sempre um alto e estimulador exemplo vivo do heroismo, da dedicação pela Patria e pela Republica, e ao mesmo tempo a irrefutavel prova de que esta não deixa sem a condigna recompensa todo aquêle, de qualquer classe, condição ou idade, que por éla se sacrifica, enobrecendo-a, glorificando-a.

Pelos fundamentos expostos, o govêrno da Republica Portuguêsa, pelo ministerio da guerra, decreta o seguinte:

Art. 1.º E' concedida a Luis Ferreira Pinto, natural de Vrea de Bornes, concelho de Vila Pouca de Aguiar, distrito de Vila Real, filho de Manuel Gonçalves Pinto Ferreira e de Efigenia Rosa do Carmo Ferreira, a matricula, com dispensa de idade, no primeiro ano do Curso do Colegio Militar no ano lectivo de 1912-1913, como recompensa pelo seu heroico procedimento nos combates de Vila Verde da Raia contra os rebeldes monarquicos, nos dias 6, 7 e 8 julho de 1912.

Art. 2.º O referido menor fica ao abrigo da benefica disposição da ultima parte do artigo 46.º do decreto de 11 de dezembro de 1851.

Art. 3.º Na carta do curso do Colegio Militar, quando venha a conclui-lo, será lançada a verba constante do artigo 1.º

Paços do Govêrno da Republica, em 28 de setembro de 1912.

Manuel de Arriaga.
Antonio Xavier Correia Barreto

BERNARDO TORRES

Tinha este nosso amigo e devotado correligionario, decidido afastar-se da vida activa do partido republicano a quem tão valiosos e dedicados serviços ha largo tempo vem de dispensar.

O *Grupo Defêsa da Republica* a que aquêle pertence, muito acertadamente resolveu fazer sentir o seu desgosto por tal resolução, instando para que Bernardo Torres continuasse onde até agora tem estado, quando é certo que o motivo de tal resolução estava muito longe de a justificar, a não ser um excesso de melindre.

Bernardo Torres, correspondendo a esta justa demonstração de verdadeiro apreço e simpatia, abandonou a sua primitiva ideia de novo

PRAIAS DO LITORAL

Costa Nova, 10

E' esta a ultima que te escrevo.

A Costa, quasi deserta dos *habituées* que a animávam, sem sol e sem calor, póde dizer-se despovoada, triste, porque nem o tempo nem os seus frequentadores de agora, todos gente do campo, com raras excéções, lhe imprimem a mesma vida a que nos habituámos no mez de setembro, em que a folía das chinchadas, as serenatas e os agradaveis momentos de cavaco á porta da D. Antoninha, sem falar nas reuniões do *Club* ou particulares, nos entretinham e alegravam o espirito, quando não a paisagem dêste rio encantador, povoado de pequenos bateis, que eram outras tantas maravilhas deslisando constantemente deante dos nossos olhos e que agora—ai agora... —tambem desapareceram dando a alternativa aos *moliceiros* de bica retorcida, como se a ria já não fôsse digna dêles, so aqui já não houvésse quem gostasse de os vêr deslisar por sobre as aguas cristalinas e mansas da vasta bacia que os continha e que — quem sabe até quando?—vâmos egualmente deixar, cheios de saudades, comovidos mesmo por a incertêsa de a tornarmos a vêr, espraiada, limpida e reluzente no sopé da mais linda e amoravel costa de Portugal.

Foi-se tudo. E até o Méla, que aqui deixámos, persuadidos que o viriamos encontrar depois dos poucos dias de ausencia forçada a que fômos compelidos, bateu as azas, nós que tanta vontade tinhamos de lhe dar um abraço, á partida, por nêle reconhecermos um dos melhores amigos da praia e portanto companheiro inseparavel de todos os divertimentos a que arranchava não obstante os anos lhe não permitirem que passasse por rapaz novo, vigoroso, de pulso forte e perna resistente, capaz de manter firme o *roçoeiro* da rêde da *Esparrêla*, em dias de *chincha*, mas em compensação algo desembaraçado para a *caldeirada*, que lhe sabía como o melhor manjar, que êle apreciáva como o *petisco* mais saboroso dêste mundo...

Quasi sós, um unico recurso nos résta tambem—partir!... E' o que vâmos fazer. Desmanteláda a *republica dos horates*, sem o *cenimatografo falado* do Mano e tendo ainda a desanimar-nos o tempo agreste, que de novo voltou, o caminho está naturalmente indicado —o *Gualdino* vai-se embora... Diz adeus á praia, diz adeus aos leitores, diz adeus a todos que lhe aturaram as massadas, alguns dos quaes já dispersos por longes terras, mas que deixáram gratas recordações da sua passagem por a Costa, que tambem lhes déve a preferencia com que a honraram escolhendo-a para descanço, para recreio, para refresco na época em que dêles mais se precisa.

Vamo-nos, pois. E' esta a ultima que te escrevo, caro leitor. Para a semana, da Costa Nova só teremos infindas saudades, e dos amigos a lembrança de que não olvidarão os momentos passados em fraternal convivio, o que lhes servirá de estimulo para, no proximo ano, virem outra vez... se Deus quizer...

—Mão amiga trouxe-nos, ha dias, uma carta encontrada num *palheiro* desabitado, e que, por ser interessante, reproduzimos sem contudo denunciarmos o nome do *adonis* que a escreveu.

Diz assim:

Ex.ma Sr.a

Não podendo por mais tempo ocultar no meu coração este amor veemente e delirante que me domina, esta paixão ardente que me avacila a alma, que me febricita a cabeça, que sintetisa a felicidade a que minha alma aspira, venho, ex.ma senhora, patentear-lhe o meu afecto ardente, abrir-lhe o escrinio dos meus sentimentos mais mimosos, e tabernaculos dos meus anelos mais radiantes. Amo-a como se sabe amar uma só vez na vida; e por que a amo, ex.ma senhora? porque nesta vida só pode viver quem sabe amar, só pode ser feliz aquele que, como eu, espera, ancioso, ouvir dos vossos labios a palavra mais terna, mais idélica a mais significativa... que me consóme e entristéce. Deito ao destino cruel estas palavras. Serão bem recebidas? E' um dia de felicidade para mim se assim acontecer, Amo-a, ex.ma senhora, amo-a com todas as véras do meu coração. Escreva-me que eu serei eternamente seu.

Quem seria a diva que tão pouca importancia ligou ao apaixonado a ponto de se esquecer da carta onde o rapaz dá a entender que estála se não recebe resposta?

Decérto não tem remorsos; porque se os tivesse... como o pobre seria feliz, mesmo com a paixonêta com que anda!...

Se isso é que o torna prosaico...

— Retiraram ontem para Aveiro as srs. D. Ausenda e D. Olimpia Mesquita, Antonio Maria Ferreira, Manuel Barreiros de Macedo e Amadeu Faria de Magalhães acompanhados de suas familias.

Ficam ainda algumas familias, poucas, déssa cidade, outras tantas de Ilhavo e uma meia duzia de rapazes na *casa dos horates*, que dizem não a abandonar emquanto o inverno não apertar a valer.

Pois que gosem, que nós... vâmo-nos.

Adeusinho; adeus até mais vêr!...

Gualdino

---

ocupa o posto, cheio da mesma fé que o anima ha muitos anos.

Congratulâmo-nos com o facto, que nos apraz registar, e regosijâmo-nos com a resolução do *Grupo Defêsa da Republica* por nos oferecer ensejo de termos para Bernardo Torres estas poucas palavras de merecida justiça que êle bem merece.

Garraiada

Com numerosa concorrencia realizou-se a que estava anunciada pela Associação dos Empregados do Comercio, tendo, sem duvida, concorrido para esse resultado, o nome do sr. Ratola, que foi o melhor réclame ao espectaculo pelo geral desejo, logo manifestado pelo publico, de apreciar o distinto amador na exibição dos seus reconhecidos méritos na arte de Montes.

Como indicava o programa, que foi rigorosamente cumprido, embora deixando muito a desejar, o sr. Ratola bandarilhou a sós, pelo menos com muita coragem, o bicho que lhe coube, passando depois á capa e de mulêta, simulando a sorte... *de la muerte!*

O sr. Ratola, que promete bastante, precisa no entanto escola, mais um pouco de garbosa moderação no seu trabalho e muito especialmente reagir contra o habito de aproximar-se do redondel, junto ás taboas, do qual prefere trabalhar na iminencia dum desastre que lhe póde ser fatal.

De resto o sr. Ratola esteve, durante a festa, trabalhador e deligente ajudando de pronto e com acêrto onde entendia dever acudir.

Ouviu, por isso, bastantes aplausos, justamente conquistados e a sua presença e trabalho fez esquecer algumas defeciencias que, devido á falta de pratica na organisação de festas daquêle genero, tivéram logar.

* * *

No dia 20 do corrente, promovida pela banda dos Bombeiros Voluntarios realisar-se-ha uma nova corrida, na qual, por especial deferencia, tomará parte tambem o sr. Souto Ratola.

O Democrata, vende-se na Costa Nova na *Padaria Macêdo.*

Na Povoa de Varzim

Um padre caçador de fortunas rapta uma senhora octogenária para lhe apanhar 50 contos de reis!

Um masmarro, residente na Povoa de Varzim, que dá pelo chamadoiro de padre José Martins Gonçalves da Silva, irmão do célebre prior da mesma vila, que foi expulso daquéla ridente praia pelas suas práticas contra o regimen e que no nojento papelucho *O Poveiro* conspurcava a honra e dignidade dos republicanos, dá-se agora ao *sport* da caça de heranças, procurando, de preferencia, para suas confessoras, doentias velhas fanaticas, para que mais depressa lhe cáia o dinheiro na algibeira. Era a odienta criatura, no tempo da ominosa, o sub-chefe nacionalista e defensor acerrimo dos jesuitas, de quem herdou, pelo visto, as manhas em alta escala. Ha mezes faleceu na referida praia uma velha fanatica, de nome Carolina Rosa Pinheiro, cujos irmãos e mais parentes são uns indigentes pescadores que esmolam pelas ruas da praia. O masmarro, que era o seu confessor, apanhou-lhe a herança —um conto e pico—e os desgraçados parentes nem uma de X! O povo, sabedor do caso, bem falou dêle, mas o padre foi guardando o cobre. Agora o reaccionario e odiento masmarro prepara-se para bodo mais opulento: a bagatela *de uns* 50 contos! Ai vai o caso:

Ha anos foram residir para aquéla praia as sr.as D. Custodia e D. Rita Simões Pinheiro, a primeira quasi octogenária, ambas naturais da cidade de Lisboa. Davam-se sempre as duas irmãs muito bem e ha longos anos que viviam em comum sem a mais leve questão entre as duas, Senhoras de fortuna, o padre Silva viu logo que aquilo poderia render e procurou apossar-se do espirito délas por meio da confissão. A' D. Custodia foi facil a empreza, porque, fanatisada camo estava, desde logo o nomeou seu procurador; a outra, porém, não foi na rêde, porque, sendo liberal apaixonada, procurou desviar da casa de ambas o tonsurado especulador. O padre Silva apercebeu-se do perigo e então tentou um golpe audacioso: rapta de casa a D. Custodia e, sem pudor sequer pela dignidade publica, leva a fanatica senhora para sua casa, onde se encontra, e com éla todos os papeis de credito e haveres!

A sr.a D. Rita Pinheiro ficou incomodadissima com o assalto do mariola e a todos contou a historia do rapto da irmã, que visa ao padre apossar-se-lhe da fortuna, calculada em 50 contos! Temos o mesmo caso da condessa Camarido com mais um pouco de audacia. Mas o padre Silva não ficou por aqui. Enviou á irmã de D. Custodia uma carta atrevida, intimando-a a não falar no caso, sob pena de a mandar para o tribunal como difamadora.

E' o cumulo da desfaçatez! E o mariola lá está de posse da pobre senhora, uma desgraçada cachetica e irresponsavel, e dos contos de reis que ela possue, rindose dos comentarios acres das pessoas de bem que verberam com palavras caudentes a canalhice do tonsurado.

Não haverá remedio para isto?

Esta noticia transcrevemo-la do *Mundo*, admirando-nos que o presado colléga não tivésse achado desde logo o remedio para tão infame quanto audacioso assalto praticado pelo reverendo representante de Cristo na terra.

Pois então não acha que um fueiro, zurzido por pulso forte, era um bom remedio para os que vivem de expedientes e se abalançam, por isso, á prática das maiores patifarías?

OUTRO PASSEIO...

Partiu de novo, ontem, para Lisboa, o sr. delegado de saude, medico municipal e miliciano Pereira da Cruz.

Determinados curiosos até nisto reparam, notando a repetição de passeios a Lisboa feitos pelo referido cidadão, depois que aqui temos tratado do celébre caso das isenções militares.

E como consequencia dêstes reparos, seguem-se os comentarios: porque tendo acabado aqui as averiguações do auto a que se procedia, é preciso tomar precauções; porque vae esperar uns determinados viajantes que regressam do estrangeiro e trocar impressões sobre *tudo* o que se tem passado; porque ainda se pensa que estâmos no saudoso reinado do muito nobre e não menos ilustre conde de Agueda; porque ai do genero humano se lhe morresse a esperança, e ainda ha muito quem pense no velho anexim, para o caso, porém, sem aplicação possivel: *fia-te na Virgem e não corras, verás o trambulhão que apanhas!...*

Seja, porém, porque fôr, a unica cousa que de facto é digna de registo, são as passeiatas tão amiudadas á cidade de marmore e de granito!

Apenas as registâmos para conhecimento dos nossos leitores amigos...

"Historicos,,...

A proposito dêsta verdadeira praga de republicanos que, após a vitória da Democracía, por toda a parte apareceu fazendo jus ás bôas graças do novo regimen para fins que facilmente se compreendem, o sr. Rocha Martins escreve:

«... *Historicos* que se aprègôam assim, que papel tivéram? Ou fôram para a acção e são os tolerantes e os puros, ou hesitaram, ficaram indecisos, não deram um passo e são os feroses.

E isso, nêste dia de festa evocativa, dá-nos o direito de pensar que, se acaso a Rotunda falhasse, se os navios fôssem vencidos, se a monarquia se sustentasse, não haveria tantos republicanos *historicos* e que muitos dos que tanto se honram com o imerecido titulo, estariam a esta hora, por conta dos vitoriosos, a insultar, a perseguir, a julgar, a dominar, a esmagar os republicanos vencidos».

Não haja duvidas a tal respeito. E porque assim sería, por que essa gente, que se esfalfa a pôr bem saliente o seu republicanismo, não hesitaría um momento em pedir a forca para a *canalha*, caso a Republica não tivesse triunfado, é que nós não estâmos dispostos a confundir-nos com éla, e mais a mais depois das provas que deu anteriormente á revolução de 5 de Outubro.

Deixêmos que os politicantes, esquecidos do que á propria dignidade dévem, a aproveitem e por éla se deixem dominar.

Nós, não!...

CONGO BELGA

Aos nossos honrados assinantes désta parte da Africa, rogâmos o favor de satisfazerem os recibos do DEMOCRATA ao sr. Henrique Madail, empregado da casa "Valle, Figueiredo & C.a,, que dêles se acha depositario e obsequiosamente se encarregou da missão de os cobrar, como bom cooperador, que é, do nosso semanário.

* * *

Egual pedido fazemos aos assinantes de **Esgueira, Cacia, Sarrazola e Quintã do Loureiro** cujos recibos se acham em poder do nosso habitual cobrador.

Opusculo

Do nosso amigo dr. José Lopes de Oliveira recebemos ha dias um pequeno livro de 36 paginas intitulado — *A minha defêsa* — no qual o conceituado medico trata da politica do concelho de Oliveira de Azemeis nos ultimos tempos, com cérta veemencia, transcrevendo algumas das suas correspondencias insértas nêste jornal.

Para o Brazil

Deve ir a esta hora a caminho do Pará, o nosso presado assinante sr. Agostinho Ferreira Martins, que têve a gentilêsa de nos deixar um cartão de despedida oferecendo-nos os seus prestimos naquéla importante cidade.

Que faça uma feliz viagem e a sorte o não deixe de bafejar, é o que sincéramente desejâmos.

Comunicados

Ao sr. inspector escolar de Anadia

Segundo a lei, v. ex.a não podia aprovar uma casa para escola de um ou outro sexo sem que essa tivésse habitação para o professor. E, se a ideia me não falha, a casa onde actualmente funciona a aula do sexo masculino, foi construida, a pedido, logo depois do falecimento do *padre mestre* que éra o professor cá na freguezia e dava aula na casa da sua residencia acidental, que é precisamente a casa com que v. ex.a e os seus amigos politicos, monarquicos, tem feito politica mesquinha desde o desaparecimento do referido *padre mestre*. A casa do *padre mestre* serviu noutros tempos, e muito bem, para escola, e se interesses bastante vergonhosos daquêles que na freguezia deviam dar um bom exemplo de civilisação não tivéssem movido o sr. Amorim, a casa da aula do sexo masculino continuaria na mesma onde estava, sujeita, é claro, ás modificações que ultimamente levou, o que a torna recomendavel para o efeito.

Mas o sr. Amorim, movido por deshonestas paixões apoiadas por quantos ultimamente se pozéram em campo a pedir a conservação da aula na casa onde a mesma funciona, aprovou uma casa que não tem as condições precisas e por uma renda vantajosa, unica e simplesmente para ser agradavel aos seus afeiçoados.

E se o que acabo de dizer não é a expressão da verdade, qual a razão que aconselhou o sr. Amorim a mudar a aula para uma casa que lá em cima figura com habitação para o professor sem a ter? V. ex.a, além de prejudicar ali a educação das creanças, cometeu um crime, porque engauou os seus superiores com aquêle contracto. E procedendo assim na Palhaça, como se póde provar com a propria casa, v. ex.a é um funcionario publico em quem a Republica não póde depositar confiança por muitas razões, mas principalmente porque a empenhoca lhe é muito preferivel á bôa justiça e sã razão. E será só na Palhaça que o sr. Amorim tem faltado ao cumprimento dos seus deveres? Será só na Palhaça que v. ex.a têm amigos capazes de se empenharem e fazerem vingar, com a proteção de v. ex.a, uma injustiça? Talvez não. Por que os mesmos habitos de velhos monarquicos produzem ainda belos efeitos no modo de pensar do sr. inspector escolar de Anadia!

E vão lá dignificar a Republica com empregados désta natureza!

V. ex.a, sr. Amorim, ha-de arrepender-se, quando remedio já não tenha, de postar-se nêsse máu caminho em que ainda permanece com gràve prejuizo para as novas instituições que mais ano menos ano hão-de respeitar-se mesmo nos cantinhos obscuros de Portugal. E quando chegar éssa ocasião saberá quanto lhe custa a falta de cumprimento nos seus deveres profissionaes. Na Palhaça é v. ex.a réu da falta dêsse cumprimento. No resto do circulo é muito possivel que se dêem eguaes casos. V. ex.a sabe em que condições aprovou e arrendou a casa da aula do sexo feminino? Isto passou-se creio que ha cinco anos, sendo muito possivel que v. ex.a já se não lembre das condições em que fez o contracto, apezar de as escrever com o seu proprio punho.

E a falta de cumprimento da parte do senhorio prova bem quanto v. ex.a é desmazelado no exercicio das suas funções.

Tendo-me dirigido particularmente ao sr. governador civil sobre este assunto, sua ex.a informou-me pessoalmente que deu ordens ao administrador de Anadia para resolver a questão com o sr. inspector escolar de ali. E' tempo perdido; mas por emquanto... tratar-se-ha de comadres lá na Anadia?... E' possivel. Mas se esse parentesco existir, tenham as comadres a certeza de que as coisas não lhes correrão ás mil maravilhas. Justiça ha-de ser feita custe o que custar, dôa a quem doer.

Palhaça, 6 de Outubro de 1912.

Manuel de Mélo

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

OUTUBRO	
DIAS	PHARMACIAS
13	REIS
20	MOURA
27	LUZ

CORRESPONDENCIAS

Cacia, 9

Foram bélas as festas comemorativas do 2.º aniversário da Republica.

Modestamente organisadas, deixaram-nos as mais gratas recordações. Além da briosa comissão promotôra déstas festas a que já no ultimo numero me referi, cumpre-nos elogiar os nossos dilectos amigos, cidadãos Artur Soares Pereira, Antonio Rodrigues de Miranda e Salvador Nunes de Bastos, que muito generosamente concorreram para que estas festas tivéssem maior brilho.

— Já se encontra entre nós o nosso querido amigo sr. Antonio Simões de Pinho, ha poucos dias chegado da capital.

— Da mesma já regressou tambem o digno caciense, cidadão José Lopes da Silva, que para ali tinha ido assistir aos festejos comemorativos do 2.º aniversário da nossa gloriosa Republica.

O nosso outro amigo Antonio Nunes de Bastos, que para o mesmo fim tambem para ali se tinha retirado, ainda não chegou.

— Os nossos amigos Manuel Rodrigues Neta, Antonio Simões de Pinho, José Rodrigues Neta e João Simões de Pinho, realizaram ha dias um magnifico passeio em bicicleta do qual trouxeram as mais gratas recordações. O trajeto dêstes nossos amigos foi o seguinte: Cacia, ponto de partida, Esgueira, Aveiro, S. João da Barra, Costa Nova, Gafanha, Ilhavo, Verdemilho, Aveiro e Cacia, finalmente.

Devia ser um passeio encantador o dêstes nossos amigos, por estas tão aprasiveis terras, suburbios da nossa querida Aveiro.

— Não me enganei, quando na minha ultima correspondencia me referi ao tempo, pois não tardou muito que uma cheia regular viésse inundar os campos marginaes do nosso poetico Vouga, que muitos prejuizos nos veio causar. Mas inda assim não eram tão consideraveis, se agora, ao fim de quatro dias magnificos que de repente fizéram baixar o rio, não voltasse a visitar-nos o impertinente e aborrecido inverno.

— Acabam de chegar da capital os bons e dignos cacienses srs. Ernesto Barra e Francisco Capitão.

Cumprimentâmo-os.

C.

Castêlo de Paiva, 6

O sr. Cunha Lobo, tomou a defêsa do seu ex-secretario Manuel Moreira, provando que fôra posto em liberdade pela prova testemunhal.

Se o digno defensor, e 1.º administrador republicano, por obra e graça da Comissão Municipal Republicana, de quem fômos humilde secretario, provar que informou com inteira verdade, como éra do seu dever, o chefe do distrito, ficâmos por aqui; de contrario havemos demostrar o procedimento do conspirador, que foi do conhecimento publico e do seu chefe. Por agora limitar-nos-hemos a dizer que a conservação, na administração do concelho, do celébre, no-

Usam-se como os suspensorios comuns e duram muitos anos conservando sempre a mema influencia.

PREÇOS { **Standard** .... **5$500**
{ **Força Extra** .... **7$500**
{ « « **XXX**.. **9$500**

Para a provincia e ilhas, mais 150 reis; Africa, 405 reis.

LISBOA
M. L. DE MELLO, Largo de S. Julião, 12, 1.º
PORTO
ALMEIDA CUNHA, Rua Formosa n.º 331

jento e cobarde conspirador, foi um êrro, uma provocação á Republica e um crime de alta traição!...

Quando o sr. administrador nos disse verbal e publicamente que estava resolvido a cumprir com os seus deveres, fazendo cumprir as leis e respeitar a constituição, respondemos: se assim fizér estâmos ao seu lado, e isso repetimos.

=No dia 19 do mez findo quando a força militar chegou á vila, vinda dos lados de Arouca, houve musica e fogo notando-se bastante entusiasmo pela chegada dos soldados que ainda assim podia ser maior se não tivésse a prejudical-o o tempo chuvoso que então fez.

C.

Aradas, 7

A data para sempre memoravel de 5 de outubro tambem aqui repercutiu o seu éco triunfante. De madrugada os nossos correligionarios do logar de Arada, fizéram uma alvorada atroadora. Ao romper de alva, os republicanos locais fizéram estralejar algum fogo ao som de repiques dos sinos, e das 9 ás 11 horas a Junta de Paroquia distribuiu um bôdo a 60 pobres constando de 1 pão, meio kilo de arroz, meio kilo de carne, e 140 reis em dinheiro, fazendo nésta ocasião o muito digno presidente da Junta sr. dr. Antonio Tavares Lebre, nosso ilustre correligionario, uma breve alocução, num improviso feliz, o que lhe é peculiar, sendo muito aplaudido.

Assistiu a este acto a Comissão paroquial politica representada por alguns dos seus membros, bem como grande concurso de povo.

C.

Pinheiro, 8

Na visinha freguezia de Frossos deu-se um lamentavel desastre que custou a vida a Benjamim Dias da Silva e não a *Belmiro da Quinta*, conforme noticiou a *Portuguêsa*.

O tragico drama, que foi resultado duma brincadeira passada na alfaiataria do desditoso Benjamim entre este e um tal Manuel dos Santos Paiva Junior, deixou triste e profundamente impressionada toda a população daquéla freguezia, não só porque a vitima contava ali inumeras simpatias, mas tambem porque era muito activo e trabalhador. A causa do desastre foi o facto de se ter disparado uma pistola automatica que o Paiva trazia no bolso, cuja bala foi projectar na cabeça do Bemjamim dando morte instantanea ao infeliz moço.

Este ao vêr o desventurado prostrado exclamou: *Ai que matei o meu amigo!* Sendo pouco depois preso pelo regedor substituto, que querendo evitar um novo desastre ficou ferido num dêdo, e numa perna Adelina das Neves Pimentel. Estes ferimentos produziram-se quando o rapaz num arranco de desespero tentou suicidar-se.

O funeral do desditoso Benjamim foi uma demonstração evidente de quanto era estimado.

Pela nossa parte lamentâmos o triste acontecimento e apresentâmos o nosso cartão de condolencias á familia do finado.

= Como noticiámos tiveram logar nos dias designados os grandiosos festejos em honra do S. Miguel sendo a vespera o que mais gradou pois nos dias imediatos a huva não permitiu concluir os varios numeros de que se compunha o programa. As musicas de S. João de Loure e Casal de Ilhavo agradaram sobremaneira.

Cabem os maiores encomios a todos os mordomos que, além de se não pouparem a despezas, se esforçaram para que a festa não desmerecesse dos demais anos.

Os nossos parabens ao nosso amigo padre Branco de Oliveira, que foi incançavel, Antonio Bastos, Joaquim Figueiras e Joaquim Ribeiro de Matos. O respectivo programa causou sensação por ser feito em magnificas e hilariantes quadras.

Afim de assistirem a estas festas, estiveram entre nós os srs. Amandio de Miranda Cabral e seu filho, de Albergaria-a-Velha; Antonio Pires Linhares e familia Mourão, da capital, e Manuel Bastos Craveiro, de Espinho.

= As ultimas chuvas avolumaram consideravelmente o Vouga, dando em resultado uma cheia prejudicialissima para os milhos que sofrem muito assim como os pastos. Os lavradores estão desanimados.

= Do Porto chegaram o sr. David Pinho e sua familia, a casa do seu sogro sr. Manuel Maria Amador, com demora de alguns dias.

= Para a capital partiram os srs. Joaquim Ribeiro de Matos, Manuel Branco de Oliveira e Manuel Martins, que, segundo consta, fôram assistir aos festejos do segundo aniversario da Republica.

= Foi ruidosamente festejada por aqui e em Macinhata do Vouga essa mesma data gloriosa.

A propria naturêsa quiz associar-se á festa, dando-nos uns bélos dias de sol.

= Vitimado por uma apoplexia, faleceu aqui, Albino Fernandes do Paço, que deixou viuva e dois filhinhos menores.

A toda a familia enlutada, as nossas sincéras condolencias.

Conduziu a chave do feretro o sr. Adtonio de Brito e a toalha o sr. Manuel Agostinho, sendo o cadaver acompanhado, até á ultima morada, pela musica velha de S. João do Loure.

C.

ANUNCIOS

Artigos de caça

No estabelecimento do sr. Batista Moreira, rua Direita n.º 72 B, Aveiro, é onde se encontra um grande e completo sortido de artigos de caça pelos mais baixos preços do mercado. Uma visita a este estabelecimento, justifica a verdade.

Le Miroir de la Mode

Atelier
DE
CHAPEUS e VESTIDOS

Nêstes *ateliers* executam-se com toda a perfeição e rapidez os artigos inerentes aos mesmos.

Satisfazem com prontidão todas as encomendas que lhes fôrem pedidas para a provincia para o que enviarão os respectivos figurinos tanto para a escolha de chapéus como de vestidos. Confeccionam enxovaes para casamentos e batisados.

Pedidos para a Praça Carlos Alberto, n.º 68—PORTO.

Videiras americanas

Enxertos e barbados das castas mais produtivas e resistentes. Qualidades garantidas e enxertos de pereiras de excelentes qualidades.

Vende *Manuel Rodrigues Pereira de Carvalho*, Aveiro—REQUEIXO.

Brazil

VINHOS DO PORTO

Experimentem os da casa

—Rodrigues Pinho—

Vila Nova de Gaia

(Proximo á Ponte de Baixo)

Colégio de Nossa Senhora da Conceição

EM

AVEIRO

(SEXO FEMININO)

Com instalação magnifica, excelente alimentação e escolhido corpo docente, continúa admitindo alunas internas, semi-internas e externas as quais aqui recebem uma educação esmerada, sólida e prática.

Lecciona-se instrução primária, 1.º e 2.º grau, português, francês, inglês, geografia e história, desenho e pintura, música, piano, córte de roupas brancas e de côr, flôres, pirogravura em madeira, couro e estanho *repoussé*; em resumo, ensinam-se todos os trabalhos modernos, próprios duma senhora.

A entrada para as alunas internas é no dia 7 de outubro e para as externas no dia 9.

A Directora,

Rosa E. Regala Morais

Emprestimos sobre penhores

Casa fundada em 1907

Rua da Revolução
e Travessa do Passeio

N'esta acreditada casa, por um juro limitadissimo, empresta-se dinheiro sobre todos os objectos que offereçam garantia como: ouro, prata, brilhantes, roupas, mobilias bicycletas, etc., etc.

Os emprestimos são realisados estando os srs. mutuarios completamente sós.

Absoluta seriedade e segredo em todas as transacções.

João Mendes da Costa.

Adubos quimicos

A importante casa negociante de Adubos Quimicos e artigos congeneres, **O. Herold & C.ª**, com séde em Lisboa, lembra a todos os srs. lavradores e negociantes de adubos quimicos dos distritos de Aveiro, Viana do Castélo, Porto e Braga o seu escritório de venda e deposito na cidade do

PORTO

22, Rua da Nova Alfandega.

Os srs. lavradores e revendedores da mencionada área, queiram, pois, dirigir toda a sua correspondencia e encomendas a

O. Herold & C.ª

PORTO

A casa

O. HEROLD & C.ª

PORTO

está autorisáda e habilitáda pela séde de Lisboa a fechar todas as transações nas condições mais vantajosas possiveis para os compradores, não havendo para os freguezes nem o mais pequeno aumento pelo facto de se entenderem com a sucursal do Porto em vez de com a séde de Lisboa. Todos o lavradores da mencionada região teem, pelo contrario, a grande vantagem de serem mais rapidamente servidos pela sucursal do Porto tanto com as respostas ás suas perguntas como com expedições porque se poupa o tempo que a troca de cartas com Lisboa exige.

Os lavradores do concelho do Porto e dos concelhos cicunvisinhos e que frequentemente teem carros para o Porto teem a grande vantagem de poderem ser a todo o momento servidos de adubos no armazem do Porto que está aberto todos os dias.

Do escritório do Porto um empregado-viajante percorre ameudadas vezes, em viagem, a área dessevida pela dita sucursal.

PADARIA MACHADO

PRAÇA DO COMMERCIO

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como pão hespanhol, dôce, bijou, abiscoitado e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.

Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz de diversas qualidades, assucar, stiarinas, vinhos finos, etc., etc.

CAFÉ, especialidade da casa, a 720 e 600 réis o kilo.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

Succursal em **Aveiro**—*Avenida Bento de Moura*—Filiaes: em Ilhavo, *Praça da Republica.*—Em Ovar, *R. Elias Garcia, 4 e 5*

SABÃO DE TODAS AS QUALIDADES

EMPREZA FABRIL E COMERCIAL, LIMITADA

(Saboaria a vapor)

Vila Nova de Gaya

RUA SOARES DOS REIS N.º 328

TELEFONE N.º 419—ENDEREÇO TELEGRAFICO—**Saponaria**—*PORT*

Esta Fabrica vende para a Provincia a todos os revendedores

O NOSSO SABÃO É SEMPRE PREFERIDO

Aos srs. mestres d'obras e artistas

LIXAS em papel e em panno.

Recommendam-se as da **unica Fabrica Portugueza a Vapor** de **Aveiro,** de BRITO & C.ª

Muito superiores ás estrangeiras e mais baratas.

VENDEM-SE em todas as boas drogarias e nas melhores lojas de ferragens.

Bicycleta

"Clement," n.º 1, de estrada, roda captiva, envolucros *Danlop*, o que ha de melhor. Custou 130$000 reis. Tem pouco uso por motivo da doença do seu dono.

Vende-se com todos os utensilios, e dá-se um bom estadeiro de madeira e um par de polainas.

Nésta redacção se informa.

CARRO

Aluga-se em Arada. Para tratar com José Nunes da Ana Junior.

OBRA DE ARTE

Vendem-se duas colunatas de castanho, trabalhadas em alto relêvo.

Nésta redacção se diz.

Pharmacia Ribeiro

DEPOSITO DE DIVERSOS PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

Aguas mineraes, naturaes do paiz e estrangeiro.

Fundas, Pessarios, Algalias, Mamadeiras, Suspensorios, Seringas de vidro e de metal, Borrachas, Insufladores, Bombas para tirar leite, artigos de pensos, sabonetes medicinaes, etc., etc.

Especialidades pharmaceuticas, nacionaes e estrangeiras, e muitos outros artigos com applicação medica e cirurgica.

Aviamento de receituario feito com o maior escrupulo e promptidão a qualquer hora do dia ou da noite.

Unica pharmacia onde se prepara o verdadeiro remedio contra a ictericia, de tão maravilhosos effeitos.

Rua Direita—AVEIRO

Oficina de serralheria

E

Estabelecimento de ferragens, ferro, aço e carvão de forja

—DE—

RICARDO MENDES DA COSTA

Rua da Corredoura

AVEIRO

N'esta officina fabricam-se com toda a perfeição fechaduras, fechos, trincos e dobradiças, do que ha grande quantidade em deposito para vender por junto.

Grande sortido de ferragens para construcções, ferramentas, cutilarias, pedras e rebolos de afiar; folha de Flandres, de cobre e de latão; tubos de chumbo e de ferro galvanisado; pregaria, chapa de ferro zincado, etc., etc.

Vendas por junto e a retalho

Agente da Sociedade de Saneamento Aseptico de Lisboa

Diluidores septicos automaticos, esterilisadores e filtros biologicos das aguas